

Formas de Tratamento Nominais na intimidade (amigos íntimos, pais, casal): preferências e atitudes de falantes madeirenses do Português Europeu

Nominal Forms of Address in Intimacy (close friends, parents, couple): Preferences and Attitudes of European Portuguese Speakers from Madeira Island (Portugal)

Aline Maria Bazenga^{1,2} 

¹Universidade da Madeira. Ilha da Madeira, Funchal, Portugal

²Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal

E-mail: aline.bazenga@staff.uma.pt

Resumo

As Formas de Tratamento (FT) em Português Europeu (PE) formam um sistema complexo. Algumas especificidades regionais e sociais nos padrões de usos de FT em variedades do PE acentuam o grau de complexidade de todo o sistema. Neste âmbito, os vários inquéritos e trabalhos de campo realizados na ilha da Madeira (Portugal) na última década põem em evidência um conjunto de traços originais nos usos de FT e um sistema de crenças singular, sobretudo no domínio da Família. Dando continuidade à investigação iniciada em 2019 neste espaço insular, o principal objetivo deste artigo consiste em analisar as escolhas de FT Nominais, consideradas por falantes madeirenses do PE como as mais adequadas para uso em contextos de interação social de proximidade e de intimidade – entre amigos, por um lado, entre marido e mulher, por outro, assim como entre filhos e pais. O inquérito, realizado durante os meses de outubro e novembro de 2022, através da plataforma *Qualtrics*[®], contou com 243 participantes madeirenses. A análise quantitativa e qualitativa dos dados produzidos por estes participantes não só fornece

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editor convidado

Victor Lara Bermejo

Recebido: 01/04/2024

Aceito: 30/06/2024

Como citar:

BAZENGA, A. M. Formas de Tratamento Nominais na intimidade (amigos íntimos, pais, casal). *Revista LaborHistórico*, v.10, n.2, e63491, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.63491>

evidências para a relevância da abordagem Sociolinguística e Variacionista da variação linguística, como também contribui para um melhor entendimento das normas de uso das FT Nominais no PE. Observa-se uma tendência para uma maior criatividade e produtividade em contextos sociais que se situam na esfera da intimidade do casal; já entre amigos e entre filhos e pais, este estudo mostra uma preferência por FT Nominais mais socialmente padronizadas.

Palavras-chave:

Formas de Tratamento Nominais do PE. Intimidade (Casal, Pais e Amigos Íntimos). Sociolinguística Variacionista. Percepções e atitudes. Ilha da Madeira (Portugal).

Abstract

Nominal Forms of Address (FA) in European Portuguese (EP) form a complex system. Some regional and social specificities in the patterns of FA use in PE varieties accentuate the degree of complexity of the whole system. In this context, the various surveys and fieldwork carried out on the island of Madeira (Portugal) in the last decade highlight a set of original features in the uses of FA and a unique belief system, especially in the field of the Family. Continuing the research started in 2019 in this insular Portuguese region, the main objective of this article is to analyze the choices made by Madeiran speakers of the EP, about nominal FA, as the most appropriate for use in contexts of social interaction of proximity and intimacy – between friends, between husband and wife, as well as between children and parents. The survey, carried out during the months of October and November 2022, through the *Qualtrics* platform, had 243 Madeiran participants. The quantitative and qualitative analysis of the data produced by these participants not only provides evidence for the relevance of the Sociolinguistic and Variationist approach to linguistic variation, but also contributes to a better understanding of the norms of nominal FA use in NP. There is a trend towards greater creativity and productivity in social contexts that are in the sphere of the couple's intimacy; among close friends and among children and parents, this study shows a preference for more socially standardized nominal FA.

Keywords:

Nominal Forms of Address in EP. Interactions in Intimacy (Couple, Parents, and Close Friends). Variationist Sociolinguistics. Attitudes and Perceptions. Madeira Island (Portugal).

Introdução

As FT no PE constituem um sistema complexo, conforme salientado pela literatura (Manole, 2021). O falante é confrontado com a necessidade de fazer uma escolha (dentro de um leque alargado de possibilidades) consoante o modo como avalia o tipo de relação social entre ele e o outro e em função das normas em vigor na sua comunidade de fala. A característica mais saliente do sistema de FT no PE é a sua complexidade, estando esta relacionada não só com o inventário de formas disponíveis nesta língua, mas também com uma densa lista de regras de uso social. Do ponto de vista da sua função gramatical, as FT incluem formas de uso vocativo (Onde é que estás, *pai?*), de uso referencial (Onde está *o pai?*) e de uso predicativo (Este é o meu *pai*). Este trabalho tem por objeto formas do primeiro tipo, ilustradas por exemplos dados em (1), retirados de Pratas (2017, p. 16). Estes exemplos dão conta da extensa lista de possibilidades de que um falante do PE dispõe para se dirigir a alguém do sexo feminino cujo primeiro nome é Adelaide.

1. (a) (*Ó*) *Adelaide*, estás doente?
- (b) *Tu* estás doente?
- (c) *Você* está doente?
- (d) (*Ó*) *Adelaide*, está doente?
- (e) *A Adelaide* está doente?
- (f) *Dona Adelaide*, está doente?
- (g) *A Dona Adelaide* está doente?
- (h) *Senhora Adelaide*, está doente?
- (i) *A Senhora Adelaide* está doente?
- (j) *A Senhora Dona Adelaide* está doente?
- (k) *A Doutora Adelaide* está doente?
- (l) \emptyset Está doente?

Este leque de escolhas possíveis inclui formas nominais simples, correspondentes ao nome próprio do interlocutor, e formas complexas onde o nome próprio combina com a interjeição *O'*, como é o caso em 1(a) e 1(d) ou com outros nomes como *dona*, em 1 (f, g), *senhora*, em 1 (h, i, j) *doutora*, em 1(k). O falante tem ainda a possibilidade de escolher a estratégia pronominal como em 1 (b, c) ou a estratégia verbal, recorrendo apenas à forma verbal não precedida de uma forma nominal ou pronominal como ilustrado em 1(l). Esta lista não é exaustiva, sendo admissíveis FT complexas como a de uma combinatória de adjetivo e o nome *senhora*, como em *Ó minha senhora*, está doente? (Cunha; Cintra 2015, p. 160-161); ou a de dois nomes a coocorrerem com o nome próprio, como no exemplo *A senhora dona Adelaide* está

doente? A seleção da FT pelo falante faz-se em função do modo como ele avalia o tipo de relação social entre ele e o outro e como esta avaliação se enquadra nas normas socioculturais em vigor na sua comunidade. Kretzenbacher, Clyne, Hajek, Norrby e Warren (2014, p. 79-80) sugerem que estas avaliações seguem alguns princípios, tais como, entre outros, os que se encontram sumariamente indicados em (2), a seguir:

2. P1– Familiaridade, ou *Conheço esta pessoa?*

P2 – Idade relativa, ou *Percebo esta pessoa como sendo mais velha / mais jovem do que eu?*

P3 – Associação a um grupo, ou *Esta pessoa é aceite dentro de um determinado grupo ao qual pertença?*

P4 – Identificação social, ou *Percebo esta pessoa como diferente de mim / semelhante a mim?*

P5 – Acomodação, ou *Se essa pessoa utilizar uma FT tipo T ou V, vou fazer o mesmo?*

A diversidade de normas de uso pode estar condicionada por outros fatores, como os que estão relacionados com comunidades de fala confinadas a parcelas de um território nacional, como é o caso no arquipélago da Madeira (Bazenga, 2022 e Lara Bermejo, 2022). Esta variação regional aumenta consideravelmente a complexidade de todo o sistema, como veremos posteriormente. Na sua dimensão diatópica, o sistema de FT do PE contempla uma grande variedade de subsistemas regionais, que Hammermüller (2020) designa – no seu estudo empírico publicado em 2022 sobre o item *você* no PE a partir dos dados obtidos através do Inquérito Linguístico Boléo (ILB) – como *address islands* ou *ilhas de tratamento*. Este autor propõe ainda que estes subsistemas possam ser delimitados por *socioglossas*:

I would like to assert for 20th century Portugal (and probably not only as a phenomenon limited to Portugal) **the existence of numerous many-layered islands of address-norm systems**. These could be understood as being delimited by **socioglosses** defining address domains that overlap and exchange with others, as individual speakers may, at least partly, participate in different address systems. (...) These conventional **address islands** – delimited and perhaps connected by the respective socioglosses – are subject to continuous conflicts with each other and educational address standards suggested by teachers or other authorities. Hammermüller (2020, p. 288)¹

¹ Tradução nossa: Gostaria de afirmar que para Portugal do século XX (e provavelmente não apenas como um fenómeno limitado a Portugal) a existência de inúmeras ilhas de muitas camadas de sistemas de normas de tratamento. Estes podem ser entendidos como sendo delimitados por

O português falado no arquipélago da Madeira integra, no domínio das FT, algumas especificidades, postas em evidência por Bazenga (2022) e Lara Bermejo (2022), que configuram este subsistema do PE como uma *ilha de tratamento*, ou seja, um conjunto de normas de uso de FT, geográfica e socialmente localizado.

Este artigo tem por foco este subsistema, centrando-se no estudo de crenças produzidas por falantes madeirenses residentes na ilha da Madeira relativamente às FT de tipo nominal consideradas mais adequadas em três tipos de situação de interação de proximidade, na esfera da intimidade, em maior ou menor grau, como as que ocorrem entre amigos íntimos, entre filhos e pais e nos casais. Os dados analisados resultam de um inquérito conduzido entre novembro e dezembro de 2022 neste território insular de Portugal. O artigo está estruturado em duas secções, que antecedem as conclusões e a bibliografia: a secção 1 está dedicada ao estado da arte relativamente ao subsistema de FT no PE falado na Madeira; a secção 2, dedicada ao Inquérito sobre FT Nominais, inclui, para além de considerações prévias e orientadoras (2.1), a descrição da metodologia (2.2) e a análise dos resultados (2.3).

FT no PE falado na Madeira

Nesta primeira parte, abordaremos aquela que é, em meu entender, a característica mais saliente do sistema de FT em PE: a sua complexidade. Nesta síntese, será também dado um lugar de relevo a dois trabalhos sobre as FT na Madeira (Bazenga, 2022 e Lara Bermejo, 2022), que sustentam o conceito de *ilha de tratamento* (ou *address Island*) proposto, como já mencionado, por Hammermuller (2020). Apresentam-se a seguir os principais contributos destes dois trabalhos realizados a partir de dados produzidos por falantes madeirenses do PE.

O estudo de Bazenga (2022)

Neste estudo, Bazenga dá conta de dois inquéritos: o primeiro realizado em 2019, de forma presencial e com recurso a um questionário impresso, que contou com 345 participantes e um segundo, com foco nas interações no âmbito da Família, realizado em 2021, via *online*, com recurso a uma ferramenta disponibilizada pelo *Google Forms*, e no qual participaram 93 madeirenses.

No primeiro inquérito de 2019, de carácter mais geral, os participantes tinham de seleccionar a FT mais adequada de entre seis previamente indicadas para cada um dos domínios de interação social (Família – filho / pai (mãe); pai / filho, Comércio,

socioglossas que definem domínios de tratamento que se sobrepõem e estabelecem troca de formas com outros, uma vez que os falantes individuais podem, pelo menos parcialmente, participar em diferentes sistemas de tratamento. (...) Estas *ilhas* de tratamento convencionais – delimitadas e talvez conectadas pelas respetivas sociologias – estão sujeitas a conflitos contínuos entre si e padrões educacionais sugeridos por professores ou outras autoridades.

Serviços – médico / doente, Escola – aluno / professor, Trabalho – empregado / patrão, etc., Vizinho, Amizade, num total de 14 cenários sociolinguísticos. É no seio da Família, em relações de tipo ascendente – de filhos para pais e de netos para avós – onde se observa uma maior singularidade nos resultados, quando comparados com os estudos publicados tendo por foco o PE continental. Com efeito, os dados permitem delinear três padrões preferenciais de FT no seio da Família: (a) estratégia conservadora e dominante, com nome de parentesco, seguido do verbo na 3ª pessoa do singular – *(o) pai*, com 56,5%, *(o) avô*, com 64,6%; seguida de duas estratégias não dominantes, a de deferência, como em (b) com recurso ao item *o senhor* seguido do verbo na 3ª pessoa do singular, para avô, com 35,4% e para pai, com 16,3% e a estratégia igualitária, com o tratamento por tu (c) unicamente para se dirigir ao pai (mas não ao avô), com recurso ao verbo na 2ª pessoa do singular, com 18,3%. Este estudo permitiu esclarecer que estas escolhas estão claramente indexadas às características sociais dos participantes. Quando se contrastam as estratégias não dominantes (b) e (c) nas interações de filho(a) para pai, os jovens preferem (c) com 12,4% em detrimento de (b), com 7,5%; o inverso ocorre com informantes mais velhos, que preferem a deferência (12,7%) ao tratamento por tu (0,8%).

O segundo inquérito, implementado dois anos depois, em 2021, incidiu apenas sobre o domínio da Família, e teve por objetivo obter mais informações sobre os motivos que levariam os madeirenses a escolherem as opções (a), (b) ou (c) como FT preferenciais em relações de tipo ascendente de Filho(a) para Pais (pai ou mãe). Este inquérito contou com 93 participantes, dos quais 43% residiam no Funchal, sendo na sua maioria jovens, da faixa etária 18-35 anos (76,3%), do sexo masculino (61,3%) e com formação do ensino superior (76,3%). O questionário inclui formas de recolha de dados com recurso à escala de Likert, de cinco valores (de 1 – nada adequado a 5- totalmente adequado). De entre várias questões sujeitas à avaliação, a afirmação *Eu nunca trataria a minha mãe e o meu pai por tu* foi considerada adequada por 45,72% dos participantes, um valor significativo embora inferior aos 62,70% que consideraram adequada, numa interação de filho para pai /mãe, uma formulação do tipo *O senhor A senhora já sabe o que aconteceu?*. Por fim, quando confrontados com a avaliação de afirmações tais como *Eu trato o meu pai e a minha mãe por 'senhor' e 'senhora' por uma questão de respeito* e *Eu trato o meu pai e a minha mãe por 'senhor' e 'senhora' por uma questão de tradição*, a maioria dos participantes preferiu a primeira opção, que obteve 58,64% de pareceres favoráveis contra a segunda, com 40,66%. Este segundo inquérito, com participantes maioritariamente jovens e com nível de instrução do ensino superior, vem confirmar a tendência observada no primeiro estudo de 2019, sobretudo no que se refere à estratégia (b), de deferência, veiculada pelo tratamento por *(o)senhor / (a)senhora* dirigido ao pai / mãe, respetivamente, como uma das três estratégias do subsistema de tratamento parental madeirense que se configura como sendo de variação estável. Especifica ainda o valor social que lhe está associado, o do veicular *respeito* pelo interlocutor-progenitor.

O trabalho de campo de Lara Bermejo (2022)

A amostra de Lara Bermejo (2022) é constituída por 83 informantes, residentes em vários pontos de inquérito situados nas ilhas da Madeira e do Porto Santo. O autor diferencia falantes com e sem estudos universitários, que representam 30% e 70% da amostra, respetivamente. Divide os informantes em três faixas etárias: menos de 30 anos (44,5%), 30-60 anos (31,3%) e mais de 60 anos (24,2%). Em termos de variável sexo, 43% da amostra é constituída por participantes do sexo masculino e 57% do sexo feminino. Por fim, 29% dos participantes são urbanos e 71% são residentes num espaço rural. Graças a um método que permite obter dados de produção, e em que os participantes respondem a estímulos visuais correspondentes a uma diversidade de cenários interativos, foi possível obter dados que confirmam, na sua generalidade, os resultados dos estudos percetivos de Bazenga (2022).

O trabalho de campo realizado pelo autor na Madeira, em 2021, mostra que esta região insular exhibe atualmente um paradigma de cortesia que se assemelha ao de Portugal continental, mas com algumas divergências, de entre as quais, a coocorrência das três estratégias acima mencionadas no âmbito familiar, com os falantes mais idosos a mostrarem-se mais inclinados a considerarem a família como uma entidade hierárquica. Há ainda a registar o facto de os falantes madeirenses manifestarem uma preferência por FT com sujeito explícito, quer este seja realizado por um pronome quer por um item nominal. Por fim, o pronome *você* no singular surge, contrariamente aos resultados em Bazenga (2022), com muita frequência e com maior extensão de usos. No entanto, este uso coexiste com os de sujeito nulo e de FT Nominais em interações em que a relação entre os participantes é assimétrica, ou seja, para se dirigir a alguém numa posição superior ou ainda, e mais frequentemente, para alguém numa posição inferior. O estudo sociolinguístico de Lara Bermejo revelou também a relevância da abordagem sociolinguística da variação. Para além do fator *idade* que condiciona os usos de FT no quadro das interações de tipo ascendente no seio da família, o fator *sexo* dos participantes também mostrou ser pertinente, já que os homens tendem a empregar mais do que as mulheres o item *você*.

Inquérito sobre FT Nominais (2022)

Esta seção trata do objeto de estudo deste trabalho: as escolhas de FT Nominais por falantes madeirenses em interações que se situam na esfera da intimidade. Está estruturada em três partes: na subsecção 2.1 (Considerações prévias), de carácter introdutório, procura-se contextualizar as temáticas subjacentes ao trabalho, essencialmente centradas na categoria de FT Nominais (2.1.1), por um lado, e no conceito de Intimidade e na justificação dos três tipos de comunicação considerados como dela fazendo parte, designados por relação no Casal, Parental e Amizade (amigo(a) íntimo(a), por outro; as secções subsequentes, a anteceder as conclusões, tratam dos aspetos metodológicos do inquérito realizado (2.2 – Objetivos e Metodologia) e da análise dos seus resultados (2.3 – Resultados).

Considerações prévias

FT Nominais

Existem, como observa Gagne (2023, p. 198), poucos estudos empíricos centrados exclusivamente sobre FT Nominais. Merecem destaque, entre outros, o estudo de Kretzenbacher, Clyne, Hajek, Norrby e Warren (2014) sobre FT Nominais em eventos acadêmicos numa perspectiva intercultural e os estudos mais recentes, no âmbito do inglês, sobre os itens *love* (Baumgarten, 2022), *mate* (Rendle-Short, 2010, no inglês australiano), ou ainda *dude* (Heyd, 2014, numa perspectiva comparativa com o alemão *alter*; Pastorino, 2022); há ainda a assinalar os trabalhos de Fleming e Slotta (2018), sobre a alternância de termos de parentesco e de nomes próprios nas interações no âmbito familiar e o de Palacio Martinez (2023), sobre vocativos nominais produzidos por fans de *rappers*, sendo estes, na sua maioria, de tipo “familiarizadores” (*familiarisers*), seguidos de termos de afeto, primeiros nomes, alcunhas.

As FT Nominais, para além da sua função déctica têm um valor relacional, integrando sistemas de tratamento de grande diversidade linguística (Braun, 1988, p.23). De acordo com Hummel (2020, p.30), esta categoria situa-se no eixo da reverência, sendo usadas, em PE, sempre que o conhecimento sobre uma pessoa o permite. Os usos de FT Nominais integram-se em duas tradições: a dos usos de nomes de parentesco no domínio privado e a de honoríficos no domínio público (Hummel, 2020, p.44). Apresentam uma grande gama de possibilidades de usos diferenciação em sexo – *o(a) senhor(a), o(a) vizinho(a)* – social – *o (a) senhor(a) doutor(a)* – de parentesco – *o pai, a mãe* – individual – *(o) António, (a) Ana* – constituindo, por isso, uma categoria mais propensa à expressão de diferentes relações sociais.

Apesar da abordagem de Brown e Gilman (1960) recorrer apenas a formas pronominais para estabelecer os sistemas de tratamento de tipo T (solidariedade) e V(hierarquia), governados por dois princípios, o do estatuto social e poder relativo dos participantes, por um lado, e o da maior / menor distância social, por outro, é possível correlacionar, como observa Kerbrat-Orecchioni (2010, p. 12), as FT Nominais com estes dois sistemas. Segundo esta autora, as FT Nominais não só obedecem a normas de uso, como podem também ser inseridas numa escala de distância social ou escala de formalidade relativa. Alguns itens marcam uma maior distância social entre interlocutores do que outros. Nessa escala, recorrendo ao traço [distância social], como referido Kretzenbacher, Clyne, Hajek, Norrby e Warren (2014, p. 80), o uso do primeiro nome marcaria uma maior proximidade entre os falantes ou [– distância social]; por contraste, o uso de uma forma constituída pelo título académico seguido do nome de família, como em *o (senhor) doutor Ferreira*, transmite não só [+ distância social], como também veicula valores como *respeito* e *consideração* pelo interlocutor.

No âmbito do PE, para além da classificação de referência de Cintra (1972), a classificação proposta por Bacelar, Mendes e Duarte (2018, p. 253-4), adotada neste trabalho e adaptada na Tabela 1, a seguir, reflete estas distintas possibilidades.

Tabela 1. Classificação de FT Nominais, adaptada de Bacelar, Mendes e Duarte (2018, p. 253-4)

(a) Formas de uso geral , como <i>o(s) senhor(es)</i> , <i>a(s) senhora(s)</i> seguidos ou não de nome próprio	<i>o Senhor Palma, o senhor António, a senhora (dona) Joana, a dona Leonor, o (a) menino (a), o menino João, o(s) meu(s) amigo(s), o(s) colega(s).</i>
(b) Formas de parentesco , como <i>o pai, a mãe</i> , normalmente não seguidos dos nomes próprios	<i>a mãe vai buscar-me à escola? o avô, o padrinho, o tio (Zé) não quer cá vir almoçar amanhã?</i>
(c) O artigo definido seguido de nome próprio , com forma verbal de 3ª pessoa, em contextos informais, implicando um certo grau de conhecimento, mas não de familiaridade	<i>O Rui pode chegar aqui?</i>
(d) Formas que indicam profissão, cargo, título , geralmente, formadas por <i>o senhor, a senhora</i> (formas de tratamento respeitosas)	<i>o (a) senhor(a) engenheiro(a), o senhor reitor, o senhor professor, o senhor doutor,</i>
(e) Formas mais formais , em desuso, particularmente na língua falada, mantendo-se, em situações de comunicação solenes, entre membros de profissões altamente hierarquizadas	<i>Apresento a Vossa Excelência os meus respeitosos cumprimentos de muita consideração e apreço</i>
(f) Formas de afeto	<i>o meu amor, o meu querido, a minha querida, o papá, a mãezinha.</i>

A classificação de FT Nominais do PE (Tabela 1) apresenta algumas diferenças quando comparadas com a taxonomia proposta por Leech (1999). Com efeito, formas como *o senhor, a senhora* surgem integradas na categoria de formas de uso geral, quando o seu equivalente em inglês *sir / madam* pertencem, em Leech, à categoria dos honoríficos. Tal permite alertar para o facto, como observado por Gagne (2023, p. 201), de que para além das semelhanças formais, as FT podem estar sujeitas a fatores sociais e culturais que variam em função das línguas, não sendo os seus valores sociolinguisticamente transversais. Por exemplo em francês, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2010), as FT *madame / monsieur*, que perderam o seu valor honorífico no francês contemporâneo, estão inseridas na categoria de formas *passé-partout* nesta língua. Por outro, Leech concebe a categoria dos *familiarisers* ou “familiarizadores” para vocativos, tais como *guys, bud, dude, buddy, mate, folks*, que “marcam a relação entre falante e destinatário como familiar” (1999, p. 112). Esta categoria nominal não está incluída nas taxonomias propostas para o PE, de que é exemplo a que consta na Tabela 1. Os *familiarizadores* situa-se no polo oposto ao dos

honoríficos, no eixo da distância social, uma vez que os primeiros, contrariamente aos segundos, são utilizados para estabelecer ou manter a solidariedade e proximidade entre os participantes, encarados mutuamente como quase familiares.

Atendendo a estas observações prévias, procurou-se neste trabalho apelar a atenção e a avaliação dos participantes no inquérito a respeito de interações marcadas pela proximidade social [- distância social] – romântica, dentro do casal, parental e de amizade – as três situadas no âmbito da intimidade, cujos contornos iremos procurar elucidar na próxima subsecção.

Tipos de interação social na esfera da intimidade: romântica, dentro do casal, parental e de amizade.

A relação romântica ou amorosa (marido e mulher ou namorados), a relação parental (entre filhos e pais) no âmbito familiar, e a relação entre amigos íntimos na esfera da amizade, embora se situem no polo de maior proximidade social ou [- distância], são concebidas como distintas, por envolverem, entre outras propriedades, graus de intimidade e graus de poder relativos diferenciados.

Numa primeira tentativa de caracterizar genericamente estes três tipos de relação interpessoais próximas com os atributos *igualitária* (no eixo do poder), *consanguinidade e sexualidade* (no eixo da intimidade), a caracterização proposta, em termos escalares, resulta na que consta da Figura 1.

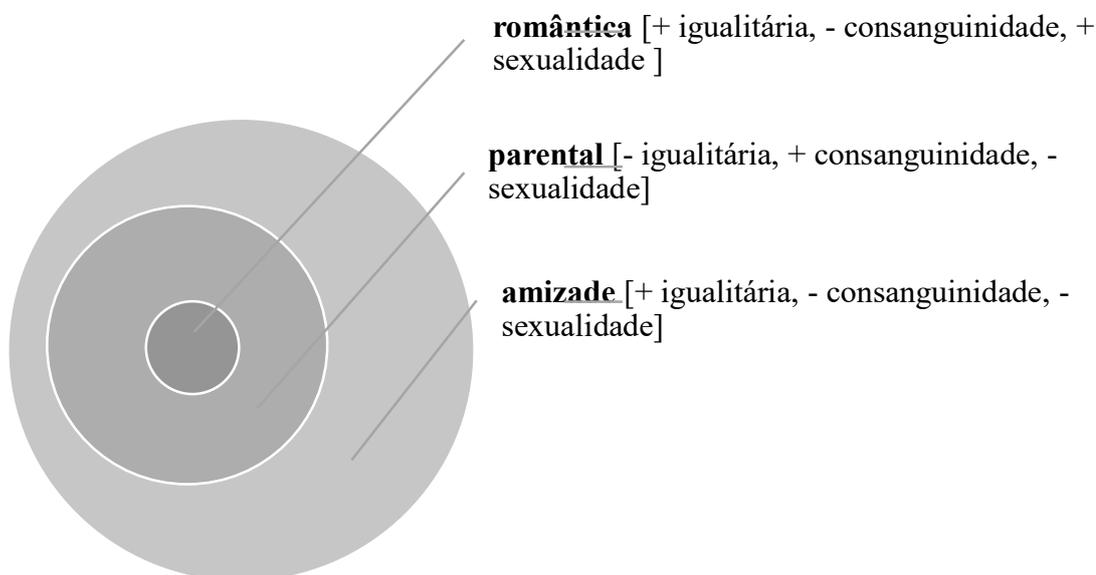


Figura 1. Caracterização das relações Romântica, Parental e de Amizade na esfera da intimidade.

Embora os três tipos de interação sejam considerados como fazendo parte do domínio da intimidade por Clancy (2016, p.1), é possível distinguir diferenças entre elas, baseadas em questões como (a) *o toque*, ou grau zero de proximidade física, que integra as interações de teor sexual na relação romântica, ou a (b) *consanguinidade* que caracteriza a relação entre filhos e pais, de tipo parental. Clancy observa que as relações de intimidade se distinguem das que não são íntimas pelo facto de incluírem frequentes interações ao longo de um período alargado, geralmente fora de ambientes profissionais (Clancy, 2016, p. 4, p. 6). Estas diferenças manifestam-se também nos usos de FT, uma vez que, por exemplo, os usos de termos de parentesco (Fleming; Slotta, 2018, ver também Jones; Hackett, 2011; KEMP; REGIER, 2012) cingem-se às interações no domínio familiar, quer sejam de tipo ascendente (*o pai, a mãe, o avô, a avó*), como descendente (*filho, filha; neto, neta*) ou igualitário (*irmão, mano; irmã, mana*). Aliás, do ponto de vista sociolinguístico, dada a grande diversidade de práticas discursivas nas famílias, é possível configurar socioletos específicos neste domínio, designados por *famlylects* (Gordon, 2009, p. 27), ou *familialetos*, concebidos como variedades de língua privada, associadas a rituais da vida de cada comunidade familiar, partilhadas pelos seus membros, com um reportório lexical para seu uso exclusivo (Gordon, 2009, p.27, p. 29). As formas de afeto de tratamento como *my love, darling, love, dear, sweetie, honey, bunny*, utilizadas entre marido e mulher, ou, *mommy, daddy*, entre filhos e pais, frequentes nas rotinas diárias de cada família fariam parte dos *familialetos*. Benitez-Burraco e Feliu-Arquiola (2023) propõem um conjunto de traços para descrever os *familialetos* do espanhol; a nível lexical, por exemplo, estes socioletos seriam caracterizados pela presença de palavras, de modismos, de “coloquialismos”, hipocorísticos e alcunhas; transversal a estas diferentes categorias é a propriedade de o significado de cada item lexical ser apenas acessível aos membros daquela família particular. Para além das interações centradas nos membros da família, é possível conceber a sua perspetiva mais alargada, para além do seu núcleo, com a inclusão dos amigos íntimos, considerados como sendo “quase da família” e que também participam com alguma regularidade nas práticas ritualizadas da família, tais como ir deitar as crianças, ou ajudá-las a comer, por exemplo, tendo por isso acesso parcialmente ao *familialeto* daquela comunidade particular.

Em suma, esta muito breve apresentação permite contextualizar algumas características do espaço social da intimidade. É nele que configuramos as interações romântica [+ igualitária, – consanguinidade, + sexualidade] e parental (ascendente, de filhos para pai/mãe) como [– igualitária, + consanguinidade, – sexualidade], que podem constituir um núcleo familiar; e as de amizade (amigos íntimos), marcadas por pelos traços [+ igualitária, – consanguinidade, – sexualidade], construídas como uma “quase família”.

Objetivos e Metodologia

Este trabalho tem por objetivo compreender as FT de tipo nominal que os falantes madeirenses do PE julgam ser as mais adequadas para se dirigirem aos pais, amigos e, no seio da relação romântica/amorosa do casal, ao marido/à mulher ou namorado(a), em várias situações comunicativas – na ausência e na presença de outros participantes conhecidos ou desconhecidos no contexto de interação. Também se procura investigar, de acordo com a tipologia de FT Nominais de Bacelar, Mendes e Duarte (2018, p. 253-4) apresentada na Tabela 1, a frequência e distribuição dos tipos elencados: (a) formas de uso geral seguido ou não de nome próprio; (b) formas de parentesco, (c) nomes próprios; (d) nomes de cargos, profissões e títulos, (e) formas formais em desuso e (f) formas de afeto. Por fim, pretende-se analisar a correlação entre FT Nominais e perfis sociolinguísticos dos falantes e participantes no estudo. Para recolher estes dados foi criado um questionário (2.2.1), tendo a sua difusão e a solicitação de participação ocorrido *online*, via redes sociais, emails, etc, sendo a amostra dos participantes descrita na subsecção 2.2.2.

Questionário

O questionário apresenta uma estrutura em duas partes. A primeira contém questões que visam recolher dados sobre o perfil social do participante (idade, sexo, formação académica, profissão, entre outros). As questões da segunda parte do questionário incidem sobre a avaliação dos usos de FT Nominais em três tipos de interação na intimidade, como já anteriormente referido – Casal, Parental e Amizade. Por outro lado, também foi considerada, em cada uma destas questões, a variável tipo de situação, que se traduz por um cenário de tipo espaço público vs espaço privado, com a exclusão vs presença de outros participantes na interação – ou seja, situações IN (ou contexto mais restrito) e OFF (fora do contexto restrito), como concebido por Hammermüller (2020, p. 256), com o objetivo de recolher informações sobre o modo como os participantes percecionam as diferenças ou não entre as modalidades privada e pública das interações verbais.

oram propostos quatro cenários distintos de interação: privada, no seio da família, com amigos e numa instituição pública, partindo da premissa que a seleção de FT deve adequar-se não só ao interlocutor como também ao contexto, mais ou menos privado (Figura 2).

Q1 💡 ☆

Como se refere aos seus pais quando está...

	Pai/mãe	Papá/mamã	O senhor/ a senhora	Daddy/mommy	Meu velho/ minha velha	Outro
Com os pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Com família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Com amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Com colegas de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Na loja do cidadão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				

Figura 2. Questionário (pergunta fechada).

Para a emissão de juízos de aceitabilidade relativamente às FT indicadas para cada um dos contextos previamente descritos, os participantes tinham a possibilidade de indicar outras FT que julgassem mais apropriadas (Figura 3).

Q1.1 💡

▼  Apresentar esta pergunta

Se Como se refere aos seus pais quando está... Com os pais - Outro **Está selecionado**

Se escolheu a opção "outro" na primeira linha que forma de tratamento utiliza com os seus pais?

Figura 3. Questionário (pergunta aberta).

O questionário contém, assim, questões fechadas e questões abertas, o que permite, para além do tratamento quantitativo dos resultados, como preconizado pela Sociolinguística Laboviana (1972), que neste trabalho se realiza com recurso ao software *Qualtrics*, a inclusão de observações de tipo qualitativo.

Participantes

O inquérito, conduzido por uma estudante da Universidade da Madeira, decorreu nos meses de outubro e de novembro de 2022, tendo sido possível contar com participantes originários de várias localidades da ilha da Madeira (Figura 4).

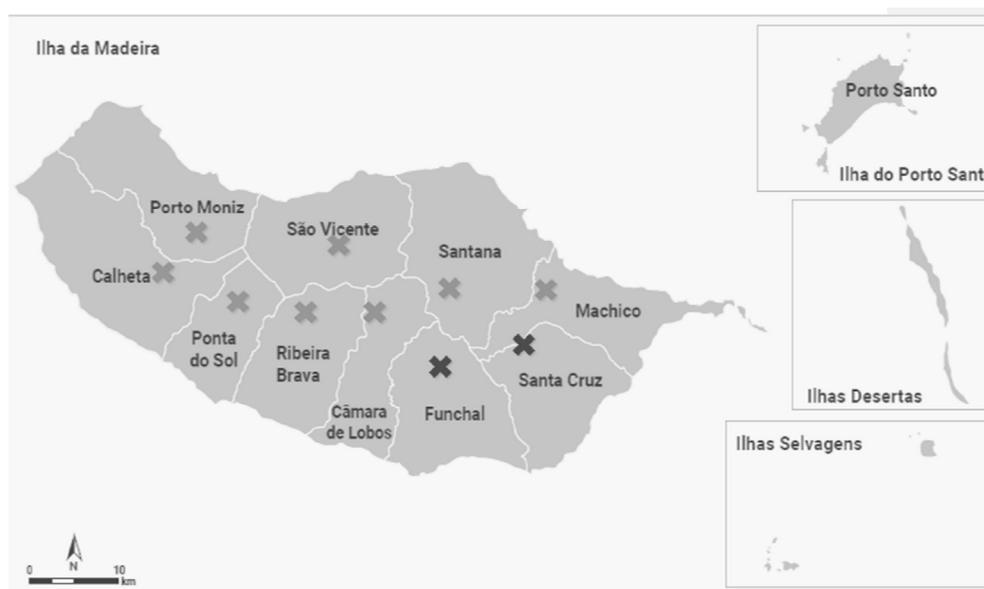


Figura 4. Localização dos participantes.

Os 234 participantes, que na sua maioria residem no concelho do Funchal e no concelho limítrofe, de Santa Cruz (Tabela 2), apresentam uma distribuição equilibrada dos diferentes padrões de perfis sociais, organizados a partir das variáveis extralinguísticas *idade*, *escolaridade* e *sexo* (Tabela 3).

Tabela 2. Caracterização da amostra. Local de residência

	Participantes	
	%	Número
Funchal	35.47%	83
Câmara de Lobos	8.12%	19
Ribeira Brava	3.42%	8
Ponta do Sol	4.27%	10
Calheta	4.70%	11
Porto Moniz	2.56%	6
São Vicente	3.85%	9
Santana	2.56%	6
Machico	4.70%	11
Santa Cruz	30.34%	71
<i>Total</i>	<i>100%</i>	<i>234</i>

Tabela 3. Perfis sociais dos participantes (idade, escolaridade e sexo)

	Idade	Escolaridade		Sexo	
A (18-35)	34,60%	1 – Básica	31,60%	Masc.	50%
B (36-55)	32,40%	2- Secundário	33,40%	Fem.	50%
C (56-75)	32,90%	3- Superior	35,0%		

Resultados: análise e discussão

Os resultados estão organizados em função das escolhas dos inquiridos relativamente às FT indicadas para cada um dos três tipos de interação marcada pela intimidade AMIZADE (2.3.1), PARENTAL (2.3.2) e ROMÂNTICA (2.3.3) na modalidade IN, ou seja, sem a presença de outros participantes tanto na esfera privada como na esfera pública. Por vezes são comparados os resultados com situações enquadradas na modalidade OFF, de modo a fundamentar empiricamente o modo como esta distinção é pertinente nas escolhas de FT Nominais dos participantes. Em cada tipo dos três acima referidos, procura-se dar conta também do modo como os resultados podem estar condicionados por variáveis sociais, sempre que estes fatores extralinguísticos se mostrarem quantitativamente significativos. Por fim, serão analisadas as FT indicadas pelos participantes nas questões abertas (2.3.4) e os motivos pelos quais as preferem em relação às que lhe foram propostas.

AMIZADE – Amigo(a) íntimo (a)

O Gráfico 1 mostra que a maioria dos participantes prefere tratar o (a) melhor amigo(a) pelo nome próprio (54,7%), seguido de alcunha (20,7%). Um pouco menos de um quarto dos inquiridos escolhe as formas *bro/ sister* (4,70%), *mano (a)* (3,5%) e outras FT, geralmente formas de afeto, *coração, baby, minha querida, fofinha, familiarizadoras*, como *irmão/irmã, dude*, nome próprio com diminutivo ou ainda alcunhas (*bestie, sacaninha, xavelha*) (9%).

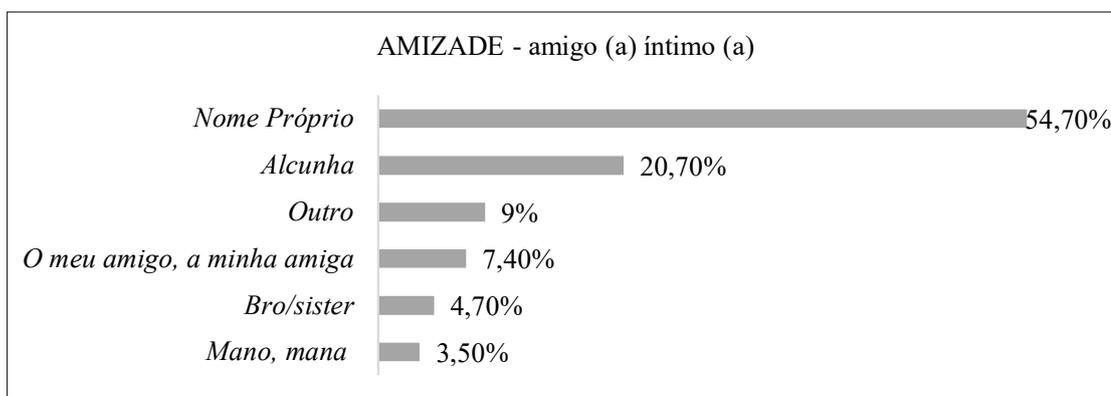


Gráfico 1. Resultados globais : AMIZADE (amigo(a) íntimo(a)).

As FT *bro / sister* são maioritariamente selecionadas como as mais apropriadas para se dirigir a um(a) amigo(a) íntimo(a) por inquiridos jovens, com idades entre os 18 e os 35 anos, surgindo em segundo lugar nas escolhas, com 37,9%, depois de *mano(a)*, com 40%. Estes *familiarizadores* estão também em primeiro lugar nas preferências dos participantes com formação superior (50%) e residentes no Funchal (50% (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Resultados atendendo aos critérios presença de participantes conhecidos / desconhecidos, num espaço privado / público.

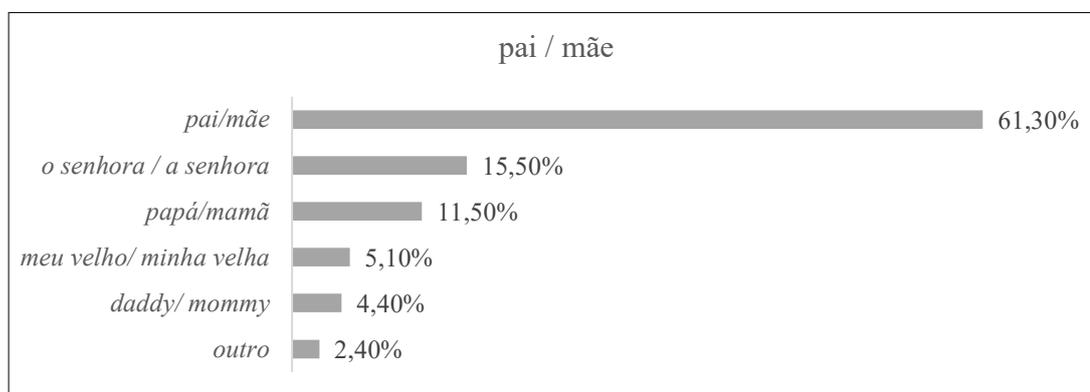
	IN		OFF	
	Com amigos [- espaço público]		Na loja do cidadão [+ espaço público]	
	<i>Alcunha</i>	<i>Bro(ther)/sister</i>	<i>Alcunha</i>	<i>Bro(ther)/sister</i>
18-35	36%	37,90%	6%	6,90%
56-75	27,80%	0%	0,00%	0%
Básico	30%	20%	0%	20%
Superior	37,90%	50%	3,50%	0%

Os valores apresentados na Tabela 4 evidenciam que os participantes têm consciência do grau de proximidade / intimidade associado aos *familiarizadores bro(ther) / sister*, dado que são preferencialmente escolhidos em situações marcadas pela privacidade [IN] e com a presença de amigos, e preteridos em situações OFF, num espaço público, onde podem estar presentes desconhecidos.

Estes resultados mostram também que este tipo de FT pode constituir um bom candidato a marcador de identidade de *pertença a uma comunidade jovem, urbana e universitária* (com estudos superiores). A preferência por *bro / sister, mano (a)* é justificada pelos inquiridos com estas características sociais pelo facto de considerarem o amigo / a amiga como alguém “muito próximo” (6%), que “é quase como um irmão” (70%), “como se fosse da família” (5%), e um modo de expressar “carinho” (5%).

PARENTAL – Filho(a) e Pai / Mãe

No tratamento de filho(a) para pai / mãe, os participantes deste inquérito optam claramente pelo *nome de parentesco (o) pai ou (a) mãe* como forma de se dirigirem ao seu progenitor (61,30%), em conformidade com variedades continentais do PE, seguida de *(o) senhor / (a) senhora*, FT de deferência (15,50%) e formas nominais de afeto *papá / mamã* (11,50%), como se pode observar no Gráfico 2, a seguir.

**Gráfico 2.** FT Nominais para pai e mãe.

A escolha do *nome de parentesco*, deve-se, segundo os inquiridos, ao cumprimento de *um costume* (32%), à *educação* (18%), à manifestação de *respeito* (17%). Apenas 3% referem a manifestação de *carinho e de amor* (Gráfico 3.).

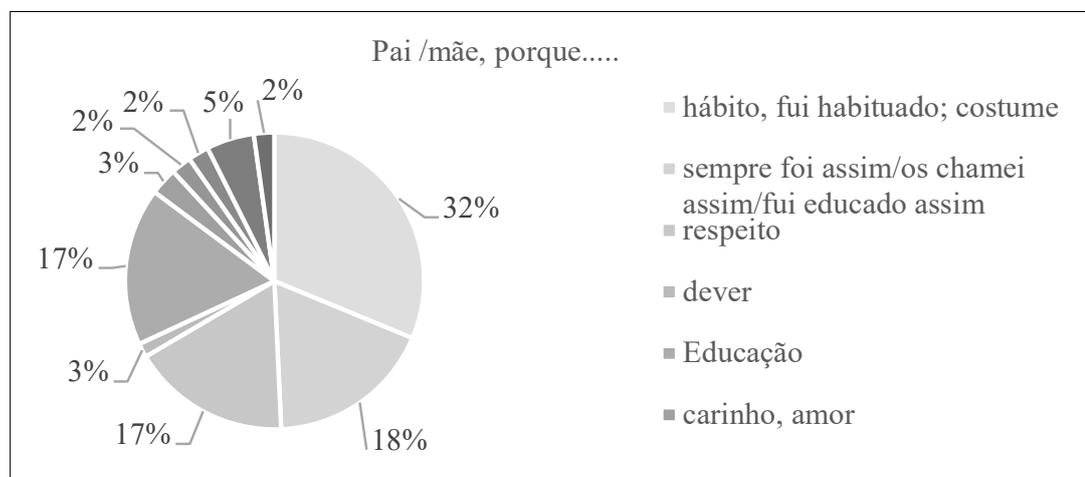


Gráfico 3. Justificação das escolhas de FT Nominais para pai e mãe.

Enquanto manifestação de amor e de carinho, a escolha mais indicada é aquela que integra a categoria de formas nominais de afeto como *papá / mamã* (Gráfico 4).

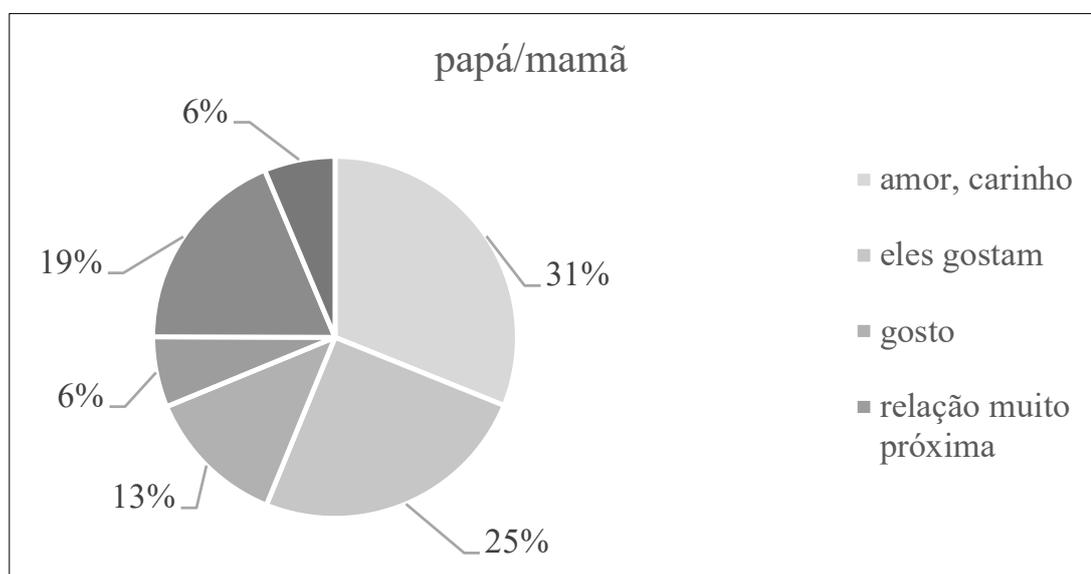


Gráfico 4. Justificação das formas de afeto de tratamento para pai e mãe.

Por outro lado, fica patente a pertinência da distinção entre vida privada (IN) e vida pública (OFF) também na esfera das relações familiares (Gráfico 5).

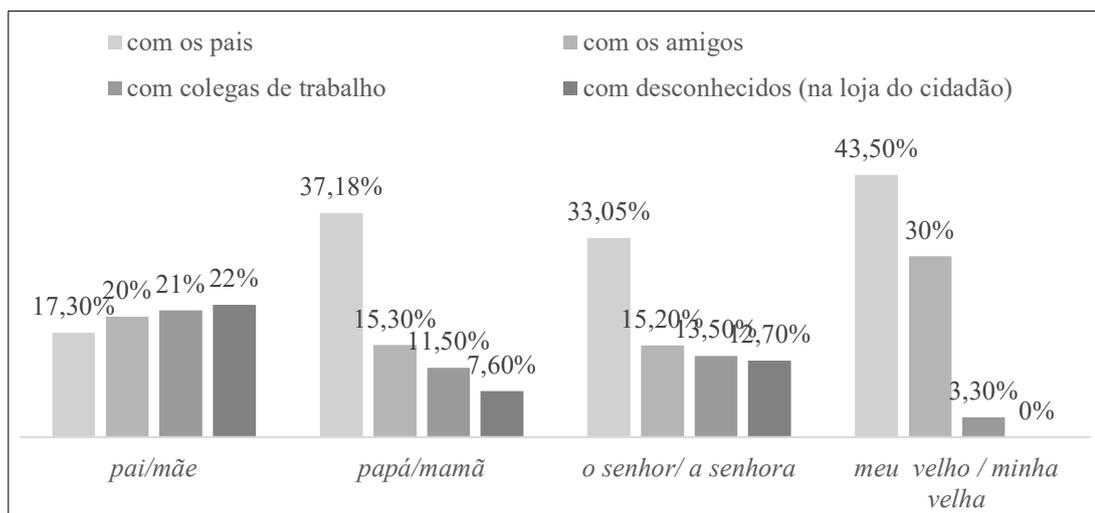


Gráfico 5. FT Nominais para pai e mãe na ausência vs presença de outros participantes.

As FT *(o) pai* e *(a) mãe* constituem formas mais aptas a serem utilizadas em diversas situações de interação (com os pais apenas; ou na presença de amigos, de colegas de trabalho, de desconhecidos) no eixo [+espaço público] – [-espaço público], conforme os valores percentuais apresentados no Gráfico 5. Já as outras FT, *papá/mamã*, *o senhor/a senhora*, *meu velho/minha velha* estão reservadas para a situação de interação de tipo IN (apenas com presença do pai / da mãe e exclusão da presença de qualquer outro participante), com 37,18%, 33,05% e 43,50%, respectivamente; os nomes *(o) meu velho* e *(a) minha velha*, apesar de constituírem FT que podem ser utilizadas em interações com amigos (30%), estão totalmente excluídas do espaço público e das interações com a presença de desconhecidos.

Por fim, apenas 2,4% dos participantes preferiu indicar outras FT e respondeu à questão aberta (Q1.1 *Se escolheu a opção “outro” na primeira linha que forma de tratamento utiliza com os seus pais?*), com outras formas nominais de afeto *dad/mom*, *paizinho/mãezinha*, *papi*, *mami* ou de proximidade e igualitária, como o nome próprio do pai e da mãe.

ROMÂNTICA / CASAL – Namorado(a) e Marido /Mulher

No que se refere às FT Nominais no quadro da intimidade e das relações no casal, entre namorados ou entre marido e mulher (cf. Gráfico 6), as preferências dos participantes recaem em formas de afeto *amor*, *amorzinho* (43%), seguido do tratamento pelo nome próprio (30,40%).

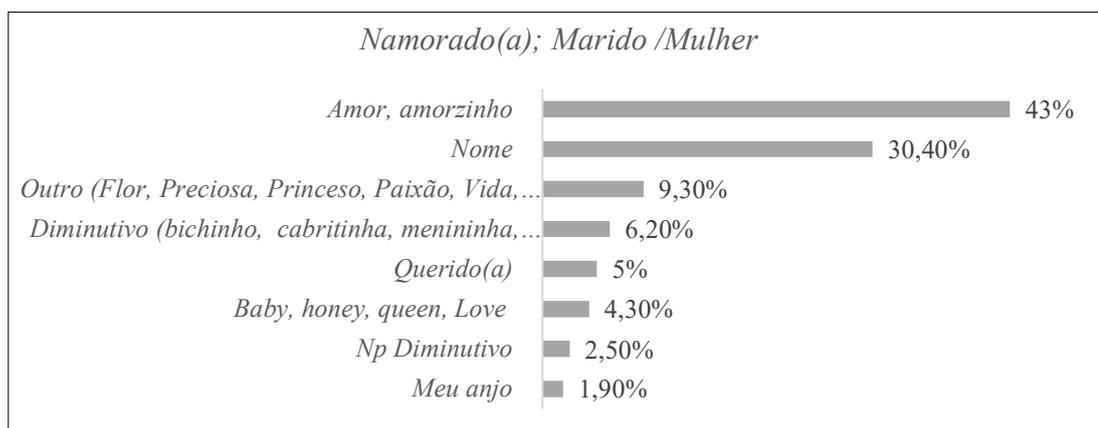


Gráfico 6. FT Nominais sugeridas pelos participantes para interações entre marido e mulher e entre namorados.

Estas escolhas parecem ser condicionadas por fatores sociais, como pode ser observado pelos valores percentuais apresentados na Tabela 5.

Tabela 5. Fatores sociais correlacionados com as escolhas de FT Nominais (formas de afeto vs nome próprio)

	18-35	56-75	Básico	Superior	Masculino	Feminino
<i>amor, amorzinho</i>	47%	33,30%	46,80%	52,40%	47,10%	46,60%
nome próprio	13,60%	32%	31,30%	15,60%	24,50%	14,70%

Com efeito, as formas de afeto (*amor, amorzinho*), são majoritariamente escolhidas por participantes madeirenses jovens (47%), com formação universitária (52,4%), independentemente do sexo (47, 10% do sexo masculino e 46,6% do sexo feminino); já os participantes mais velhos (32%), com educação básica (31,30%) e do sexo masculino (24, 5% contra 14,7% do sexo feminino) são aqueles que se manifestam claramente favoráveis ao tratamento na intimidade do casal por nome próprio.

Por outro lado, 9,3% dos participantes escolheu outras opções (*Q3.1 Se escolheu a opção "outro" na primeira linha, que forma de tratamento utiliza com o/a seu/sua namorado(a), marido/mulher?*) para o tratamento íntimo no âmbito do casal. Trata-se de formas de afeto como *morango, meu anjo, freira, minha joia, bebê, vida, meu/ minha velho(a), minha vilhoa, paixão, princeso*; outras formas resultam de uma grande diversidade de mecanismos de produção de itens lexicais, tais como hipocorísticos (*nenem*), diminutivos (*minha cadelinha, coelhinha, cabritinha, bolinho*) e termos *familiarizadores* importados do inglês, como *honey, queen, love, baby, gorgeous*, ou formas mais individualizadas, como alcunhas, relacionadas com alguma característica física do interlocutor (*meu gordo, baixinha*).

Criatividade das FT Nominais

As respostas dadas às três questões opcionais (uma por cada domínio considerado parental, casal e amizade) representam um total de 22% dos dados, ou seja, 78% dos participantes encontraram nas FT indicadas aquela que corresponde melhor às suas percepções de usos. Quando considerados os três domínios de interação, as situações de maior intimidade, como é a da relação no casal, entre marido / mulher ou entre namorados, desencadeiam um maior número de FT alternativas (56%), seguidas das situações que correspondem a relações de amizade (34%).

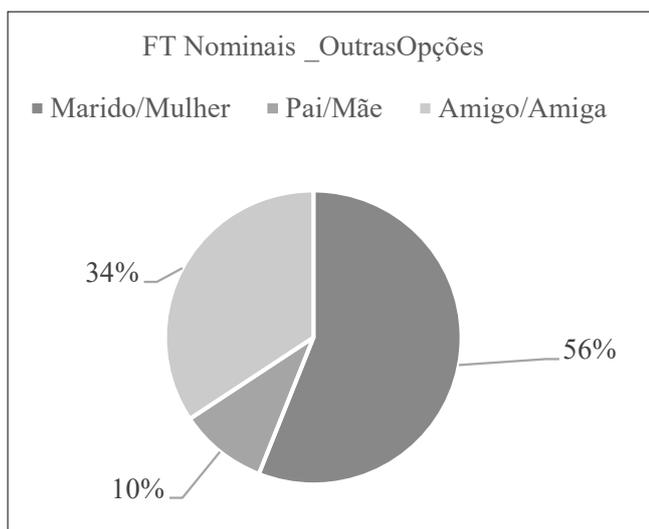


Gráfico 7. FT Nominais opcionais por tipo de interação.

Por outro lado, as relações entre filho (a) e pai/ mãe são as mais codificadas socialmente, aquelas em que as FT surgem como mais padronizadas, não se produzindo neste domínio *famial*, centrado na parentalidade, uma significativa criatividade.

Este padrão, no qual a produtividade de FT Nominais se encontra associada a um maior grau de intimidade, é também visível quando se consideram as variáveis sociais, tais como o grau de escolaridade dos participantes.

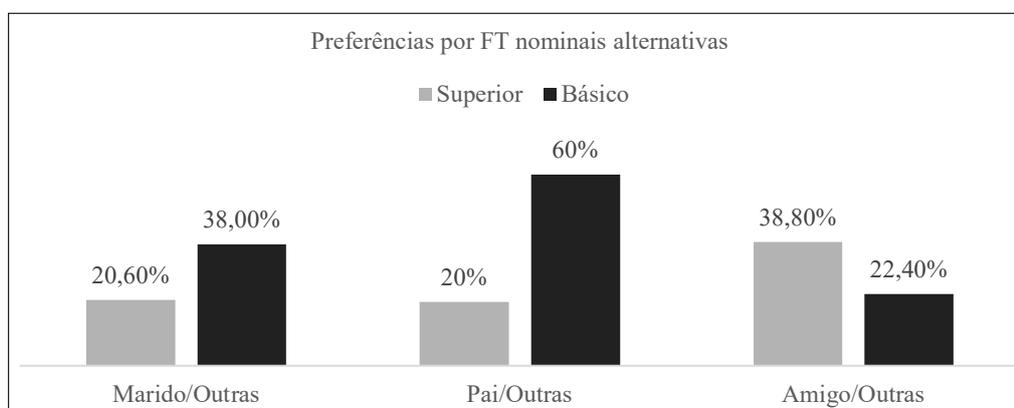


Gráfico 8. Correlação entre fator extralinguístico escolaridade do participante e a escolha de FT Nominais alternativas.

Quando considerados os dois extremos do grau de escolaridade – formação do ensino básico vs formação do ensino superior – nota-se um claro contraste entre estes dois perfis sociais de participantes e as suas preferências por FT Nominais alternativas: os menos escolarizados mostram-se mais criativos na esfera *famial* – tanto em relação ao/à progenitor(a), com 60%, como no círculo mais íntimo deste domínio, em relação ao/à marido/mulher, namorado(a), com 38%, valores muito superiores aos dos participantes com estudos superiores, cujos valores contabilizam 20% e 20,6%, respetivamente. Estes resultados levam-nos a inferir que os inquiridos com maior grau de escolarização pautam-se por comportamentos linguísticos mais conservadores, ao manifestarem a sua preferência por FT Nominais socialmente codificadas, porque *aprenderam que é assim, de uma determinada maneira X ou Y* que devem tratar o pai / a mãe e o marido / a mulher. Já na esfera da amizade, e quando se trata de amigos íntimos, estes participantes mostram-se mais abertos a outras FT, com valores de 38,8%, o que não acontece com os participantes menos escolarizados, com 22,4%. Ambos grupos de participantes aparentam estabelecer uma fronteira entre o domínio PARENTAL e o da AMIZADE, mas os atributos associados a estes dois domínios parecem ser distintos. Assim, para os participantes com mais estudos, a FAMÍLIA é o espaço mais estruturalmente convencional, sendo o da AMIZADE aquele que, por contraste, constitui o de maior liberdade nas interações verbais; a interpretação inversa parece ser a dos participantes com formação escolar básica.

Estes resultados estão alinhados com as observações de Dahl e Koptjeevskaja (2001) que no seu estudo constatarem haver uma tendência para pensar os termos de parentesco, tais como *pai, mãe, irmão* etc., como fazendo parte dos constituintes mais estáveis do repertório lexical de uma língua pertencente à herança indo-europeia, embora seja possível alguma renovação dos termos como ilustram *daddy* vs *father*. Esta renovação, de acordo com os autores, faz-se a partir de várias fontes, com recurso a processos diferentes, tais como a reduplicação (*papá*), característica do *motherese* ou *maternalês*, linguagens das mães nas suas interações com os filhos bebés, empréstimos a outras línguas (*daddy*), diminutivos (*paizinho*), algo também presente nos dados do inquérito realizado na Madeira. As formas inovadoras *papá, mamã*, empréstimos do francês, constituem as mais óbvias (Jakobson, 1972), sendo raramente utilizadas em funções referenciais ou predicativas.

Considerações Finais

A intimidade corresponde ao espaço social onde “a face” está menos sujeita a restrições / condicionamentos sociais (Goffman, 1967, cf. cortesia linguística de Brown; Levinson, 1987). Este espaço não é, no entanto, uniforme e as configurações em torno de três domínios – Romântico / Casal – Familiar (pai/ mãe – filho (a) e Amizade (amigo(a) íntimo) mostram diferentes padrões de perceção sobre usos de FT Nominais.

Os resultados deste inquérito apontam para o facto das FT e em particular as de tipo nominal constituírem o que Kerbrat-Orecchioni (2011, p. 19) designa como “poderosos relacionemas”, cuja função primordial é a de relacionar as pessoas no discurso, expressando potencialmente distintos índices de cortesia, representando o seu carácter ambivalente, tanto positivo, de consideração, respeito e de afeto, como negativo, de agressão e de hostilidade. Neste trabalho, fica patente que as FT Nominais veiculam fundamentalmente na esfera da intimidade uma carga emocional positiva, ora por meio de escolhas feitas por FT disponibilizadas pelo questionário, ora por meio de outras formas escolhidas pelos participantes, interpretadas como *formas de afeto* e da categoria dos *familiarizadores*.

No campo da opcionalidade, a maior quantidade e diversidade de FT situa-se na esfera ROMÂNTICA. Este maior grau de criatividade é possível, em meu entender, porque se enquadra na construção e vitalidade de variedades vernáculas de tipo *familialetal*. Reduzido a dois participantes, no grau zero de exposição pública, cada casal possui o seu próprio reportório de FT, cujo sentido lhe é exclusivo. Estas FT (formas de afeto e inovadoras, como *princeso*, com ou sem recurso a hipocorísticos, como *nenem*, a diminutivos, *cadelinha*, associados a alcunhas, *baixinha*) partilham algumas propriedades estruturais também presentes em comunidades *familialetais* alargadas, tanto através da função parental (filho para pai, como *papá*), como através da sua extensão a amigos íntimos (*Zezé, lolo*).

Este trabalho confirma, por isso, a observação de Kerbrat-Orecchioni relativa ao potencial relacional, social e culturalmente marcado do sistema de FT Nominais, que orienta o uso das FT ao papel social dos interlocutores envolvidos na cena comunicativa.

A investigação desenvolvida, apesar de se tratar de um primeiro estudo exploratório, aponta para a importância dos *familiarizadores*, enquanto categoria nominal adequada para a aproximação do interlocutor ao território do espaço individual do locutor, relação por este desejada, tratando-se de um recurso não exclusivo das trocas discursivas na esfera da AMIZADE, como examinado neste trabalho, podendo ser alargado a outros domínios (ESCOLA, COMÉRCIO, por exemplo). Por fim, de assinalar ainda que os *familiarizadores bro / brother; sis, sister, mano(a)* recolhem as preferências de inquiridos jovens, urbanos e com estudos universitários, o que poderá significar pertença a uma determinada comunidade de práticas sociais, no sentido que lhe é atribuído por Eckert (2000), caracterizada genericamente pela partilha de gostos musicais, estilos de vida, valores culturais, rituais da vida quotidiana e também estilos de FT Nominais específicos. Abrem-se, assim, novas investigações em perspectiva, que poderão conduzir a uma compreensão mais alargada deste fenómeno.

Referências

- BACELAR DE NASCIMENTO, Maria Fernanda; MENDES, Amália; DUARTE, Maria Eugênia. Sobre formas de tratamento no português europeu e brasileiro. *Diadorim*, v. 20, p. 245-262, 2018.
- BAUMGARTEN, Nicole. Love as a Term of Address in British English: Micro-diachronic Variation. *Contrastive Pragmatics*, v. 3, n. 1, p. 31-58, 2022.
- BAZENGA, Aline. Formas de tratamento de segunda pessoa de singular em português: representações e crenças de falantes madeirenses. *Arquivo Histórico da Madeira*, v. 4, p. 1-35, 2022.
- BENÍTEZ-BURRACO, Antonio; FELÍU-ARQUIOLA, Elena, *De la variación tipológica a la variación intralingüística (y viceversa): el caso de los familectos*, 2023. <https://doi.org/10.31234/osf.io/y2dvq> PPR: PPR663702
- BRAUN, Friederike. *Terms of Address. Problems of Patterns and Usage in Various Languages and Cultures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, A. Thomas (org.). *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276.
- CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- CLANCY, Brian. *Investigating Intimate Discourse. Exploring the spoken interaction of families, couples and friends*. New York: Routledge, 2016.
- CLYNE, Michael; NORRBY, Catrin; WARREN, Jane. *Language and human relations. Styles of address in contemporary language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. *Gramática do Português Contemporâneo*. 20. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2015. p. 351-457.
- DAHL, Osten; KOPTJEEVSKAJA, Tamm. Kinship in Grammar. In: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SORENSEN, Finn (ed.). *Dimensions of Possessions*. John Benjamins, 2001. p. 201-225.
- ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- FITCH, Kristine L. The interplay of linguistic universals and cultural knowledge in personal address: Colombian Madre terms. *Communication Monographs*, v. 8, p. 254-272, 1991.
- FLEMING, Luke; SLOTTA, James. Named relations: A universal in the pragmatics of reference within the kin group. *Proceedings of CLS*, v. 51, p. 165-179, 2015.
- FLEMING, Luke; SLOTTA, James. The pragmatics of kin address: A sociolinguistic universal and its semantic affordances. *Journal of Sociolinguistics*, v. 22, n. 4, p. 375-405, 2018.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essays on face-to-face interaction*. Aldine, 1967
- GORDON, Cynthia. *Making meanings, creating family: Intertextuality and framing in family interaction*. New York: Oxford University Press, 2009.

HAJEK, John; KRETZENBACHER, Heinz L.; LAGERBERG, Robert. Towards a linguistic typology of address pronouns in Europe – past and present. In: HENDERSON, John; RITZ, Marie-Eve; RODRÍGUEZ LOURO, Celeste (ed.), *Proceedings of the 2012 Conference of the Australian Linguistic Society*, 2013. p. 1-15.

HAMMERMÜLLER, Gunther. Retracing the Historical Evolution of the Portuguese Address Pronoun *você* using Synchronic Variationist Data. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia dos Santos (ed.), *Address in Portuguese and Spanish*. Berlin/ Boston: De Gruyter, 2020. p. 251-289.

HEAD, Bernard. *Respect Degrees in Pronominal Reference*. In: GREENBERG, Joseph (ed.). *Universals of Human Language*, Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 151–211.

HEYD, Theresa. “Dude, Alter!” A tale of two vocatives. *Pragmatics and Society*, v. 5, n. 2, p. 271-295, 2014.

HEYD, Theresa. “How you guys Doin?” Staged orality and emerging plural address in the television series *Friends*. *American Speech*, v. 85, n. 1, p. 33-66, 2010.

HUMMEL, Martin, Diachronic research on address in Portuguese and Spanish. In: HUMMEL, Martin; LOPES, Célia dos Santos (ed.), *Address in Portuguese and Spanish*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2020. p. 7-70.

JAKOBSON, Roman. Why “Mama” and “Papa”? In: *Readings in Modern Linguistics: An Anthology*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 1972. p. 313-320.

JONES, Chris; HACKETT, Simon. The role of ‘family practices’ and ‘displays of family’ in the creation of adoptive kinship. *The British Journal of Social Work*, v. 41, n. 1, p. 40-56, 2011.

KEMP, Charles; REGIER, Terry. Kinship categories across languages reflect general communicative principles. *Science*, n. 336, p. 1049-1054, 2012.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *S’adresser à autrui*. Les formes nominales d’adresse en français. Chambéry: Université de Savoie, 2010.

KIESLING, Scott. Dude. *American Speech*, v. 79, n. 3, p. 281-305, 2004.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LARA BERMEJO, Víctor. The system of pronouns of address in Madeira. *Estudos de Lingüística Galega*, v. 14, p. 1–33, 2022.

LEECH, Geoffrey. The distribution and function of vocatives in American and British English conversation. In: HASSELGÅRD, Hilde; OKSEFJELL, Signe (ed.). *Out of corpora: studies in honour of Stig Johansson*. Amsterdam: Rodopi, 1999. p. 107-118.

LOPES, Célia; MOTA, Maria Antónia. A percepção e a aceitabilidade de formas de tratamento no português europeu (PE): uma abordagem experimental. *Working Papers em Linguística*, v. 20, n. 2, p. 135-174, 2019.

LUPYAN, Gary; DALE, Rick. Language structure is partly determined by social structure. *PLoS One*, v. 5, n. 1, e8559, 2010.

MANOLE, Verónica. As formas de tratamento na abordagem multissistémica: um novo modelo teórico de análise. *Studia Universitatis Babeş-Bolyai Philologia*, v. LXVI, n. 4, p. 81-94, 2021.

MÁRQUEZ REITER, Rosina; FROHLICH, David M. The pragmatics of intimacy. *Internet Pragmatics*, v. 3, n. 1, p. 1-33, 2020.

PALACIOS MARTÍNEZ, Ignacio M. *A syntactic and pragmatic study of nominal vocatives in the Twitter exchanges of rappers' fans*. *Journal of Pragmatics*, 207, p. 93-110, 2023.

PASTORINO, Valeria. Dude in British English: towards a non-gendered term of address. *York Papers in Linguistics*, v. 2, n. 17, p. 13-28, 2022.

PAULETTO, Franco; ARONSSON, Karin; GALEANO, Giorgia. Endearment and address terms in family life: Children's and parents' requests in Italian and Swedish dinnertime interaction. *Journal of Pragmatics*, v. 109, p. 82-94, 2017.

PRATAS, Sara Alexandra Pinto. *As formas de tratamento e o ensino de português como língua não materna*. Dissertação (Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda) – Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2017.

Qualtrics LLC. *Qualtrics XM Platform*. 2022. <http://www.qualtrics.com>.

RENDLE-SHORT, Johanna. 'Mate' as a term of address in ordinary interaction. *Journal of Pragmatics*, v. 42, p. 1201-1218, 2010.

SONDEGAARD, Bent. Switching between seven codes within one family – A linguistic resource. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 12, n. 1-2, p. 85-92, 1991.